

CAPÍTULO V

APORTES PARA UMA HISTÓRIA NATIVA SULAMERICANA NO RIO DA PRATA

APORTES PARA UMA HISTÓRIA NATIVA SULAMERICANA NO RIO DA PRATA

Vladimir José Luft¹

RESUMO

Fruto de projeto de pesquisa que tem por objeto a História Nativa, e por objetivo analisar e identificar o nativo a partir de crônicas, relatos, descrições e observações, produtos de viagens daqueles que passaram, ou percorreram, o território hispânico na América, especialmente o Sul-americano, entre os séculos XVI e XVII, este trabalho destina-se a encontrar este nativo, (re)conhecendo sua identidade, nominando-os, seja genericamente, de nativos, seja especificamente, pelo próprio nome. Nosso recorte geográfico está limitado à bacia do Rio da Prata, e neste trabalho, mais especificamente ao seu estuário.

Palavras-chave – História Nativa, Bacia do Rio da Prata, Arqueologia, História Sulamericana.

ABSTRACT

Research project of fruit which is engaged in the Native history, and to analyze and identify the native from chronic, reports, descriptions and observations, travel products those who have passed, or traveled, the Hispanic territory in America, especially the South America, between the sixteenth and seventeenth centuries, this work is intended to find this person, (re) knowing their identity, naming them, either generally, native, either specifically by name. Our geographical cropping is limited to the River Plate Basin, and in this work, more specifically to its estuary.

Keywords – Native history, the River Plate Basin, archeology, history Sulamericana.

INTRODUÇÃO

A reflexão que apresentamos aqui é fruto de projeto de pesquisa que tem por objeto a História Indígena¹; por objetivo analisar e identificar o nativo a partir de crônicas, relatos, descrições e observações, produtos de viagens daqueles que passaram, ou percorreram, o território hispânico na América, especialmente o Sul-americano, entre os séculos XVI e XVII; identificando, por fim, possíveis espaços de ocupação, que poderão ser considerados quando da elaboração de projetos de pesquisa em arqueologia de campo (escavação).

Embora o uso, por parte principalmente da Antropologia do termo índio como sinônimo de sociedades nativas seja normal e frequente, é necessário esclarecer que utilizaremos o termo nativo, que identifica o original, o autóctone, em detrimento do termo índio, que teve o sentido de representar o nativo das índias, destino dos “descobridores”. Fazemos isso por entender ser inadequado continuar chamando-os de tal forma, usurpando-lhes a identidade.

Como nosso trabalho destina-se a encontrar este nativo (re)conhecendo sua identidade, torna-se obvio, pertinente e necessário nominá-los, seja genericamente, de nativos, seja especificamente, pelo próprio nome. Vale ressaltar que neste caso pode tratar-se do nome utilizado pelo grupo ou por seus similares, e/ou pelo europeu, estabelecido, por exemplo, a partir de uma característica física, geográfica ou linguística.

1. Professor Visitante na UERJ - Departamento de Arqueologia; Rua São Francisco Xavier, 524,- Rio de Janeiro - (RJ) - CEP.: 20550-013; e-mail: luft@globo.com.

Como, a partir de 1507, no mapa mundi (Universalis Cosmographia), do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller², o novo continente, já chamado de Novo Mundo, tornou-se América, reconhecendo não ser este território as tão sonhadas índias, seria natural deixar de chamá-los de índios e passar a chamá-los de nativos americanos e/ou por seu nome nativo ou Europeu, neste caso esclarecendo sua origem.

Apesar da amplitude dessa América hispânica, que abarca desde a parte Sul dos Estados Unidos, a América Central e a América do Sul, Andina e sua região Noroeste, o recorte geográfico do projeto original está limitado, especificamente, aos Vice-Reinos³ do Peru (criado em 1542) e do Rio da Prata (criado em 1776), bem como a Capitania Geral⁴ do Chile (ocupada a partir de 1541).

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A partir disso, todo e qualquer documento que mencione ou trate das sociedades nativas dessa parte da América Hispânica passam a ser uma fonte, que conforme propõe Silva & Silva (SILVA & SILVA, 2009), é “*tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento.*”, passíveis de todos os questionamentos pertinentes, onde “*questionar o documento não é apenas construir interpretações sobre ele, mas também conhecer sua*

origem, sua ligação com a sociedade que o produziu.”. É a partir deste entendimento que os buscaremos e os trataremos.



Figura 1 - Vice-Reinos espanhóis na América.

É assim que, se a afirmativa de Ricoeur (RICOEUR, 1982) de que “*el tiempo se hace tiempo humano en cuanto se articula de modo narrativo: a su vez, la narración es significativa en la medida em que describe los rasgos de la existencia temporal*”, ainda puder ser considerada e levarmos em conta que ao falar em Novo Mundo estamos falando de um mundo Moderno, ainda renascentista, onde a Europa é o centro do pensamento ocidental, veremos que estes documentos, sobre e acerca do Novo Mundo, “*La mayor cosa después de la Creación del mundo sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el Descubrimiento de Indias.*” (LÓPEZ DE GÓMARA, 1553), são testemunhos de algo sem precedente, algo nunca visto, nunca registrado, expressos em tons de espanto e admiração (PERRY, 2008).

Portanto, ao ler, pensar e discutir documentos de toda ordem, devemos vê-los, também, como reflexo de uma sociedade que, como propõe Heller (HELLER, 1982), “*vivía por completo en el presente y para el presente. ... El futuro*

¹Crônicas, relatos, descrições, observações e representações: possibilidades e limites para uma nova história indígena da América hispânica Sul-americana”.

²The oldest map with the name America of the year 1507 and the carta Marina of the 1516 by M. Waldseemüller (Ilacomilus), edited with the assistance of the Imperial Academy of Sciences at Viena by Prof. Jos. Fischer and Prof. Fr. R. V. Wieser, Innsbruck., Wagner'sche Universitäts-Buchhandlung, 1903.

³O título de Vice-Rei foi usado, primeiro, para designar os governadores de certos territórios da Coroa de Aragão e da Coroa de Espanha. A partir do século XVI foi utilizado pelos governadores ultramarinos, responsáveis por vastos territórios chamados Vice-Reinos. - CEBALLOS, R.. À margem do Império: autoridades, negociações e conflitos – modos de governar na América Espanhola (séculos XVI e XVII), Saeculum - Revista de História (21), 2009.

⁴Capitania-geral é a denominação dada às divisões administrativas dos territórios do Império Espanhol e do Império Português, governada por um capitão-geral. No Império Português as capitanias-gerais eram administradas pela Coroa, ou a donatários, atribuídos, a título hereditário, a senhores comerciantes amigos da Coroa. Estas, a partir do governo do Marques de Pombal, as donatárias existentes, foram substituídas por capitanias-gerais. Em Portugal as capitanias-gerais duraram, nos Açores e na Madeira, até 1832, quando foram transformados em providências, governadas por prefeitos. - VITALE, L.. Contribución al Bicentenario de la Revolución por la Independencia de Venezuela, Universidad de Chile, 2002.

se imaginaba como continuación y repetición del pasado, ... sin ninguna transformación sustancial del presente.”. Testemunha de algo inédito, este homem estava embriagado por “un mundo de novedades”: *nuevos espacios y gentes, nuevas criaturas y lenguas, nuevas riquezas y poderes.*” (PERRY, 2008). Narrar isso tudo seria então “*enredarse en historias, es ceder a la seducción de lo nuevo, acogerlo, afirmarlo y convocarlo, y con ello poner en juego mi identidad.*” (PERRY, 2008). Nesse sentido, Giannini (GIANNINI, 1987) propõe que esta narração seria

... esencialmente a un modo de ser con los otros, a un modo de acoger y ser acogido, a un modo cuyo hábitat natural, en los niveles primarios de la cotidianidad, es la charla y la conversación. ... la narración es básicamente un método (un camino o dos) para acceder y comprender la realidad. En efecto, la narración, y aquí está inserta la crónica como relato, consigue dar cuenta de lo que sucede: Se narra lo que pasa, y justamente, por pasar no queda; salvo en la palabra que lo narra, salvo en la palabra del narrador que lo restituye a la realidad tal vez para iluminar ésta en su ser pasajero, tal vez por pura diversión.

Da mesma forma, Añon e Rodriguez (AÑON & RODRIGUEZ, 2000) afirmam que “*en los siglos XVI y XVII, la historiografía europea se hallaba en un momento de transición, que las crónicas contribuyeron a profundizar.*”, cabendo aos viajantes do Novo Mundo a narração, intensa, do vivido, para que aqueles que nunca poderiam estar pudessem sentir tal vivência.

Outro ponto destas considerações é como tratar estes documentos. Walter Mignolo (MIGNOLO, 1982), sob a ótica de uma produção literária, entende que

La organización de la prosa narrativa del periodo colonial, en las letras hispanoamericanas, presenta un problema tipológico que puede dividirse en dos instancias: la una, que corresponde a lo que aquí denominaremos formación textual, pone de relieve lo tipológico en el carácter literario o no literario de los escritos sobre el descubrimiento y la conquista; la otra, que corresponde a lo que aquí llamaremos tipos discursivos presenta un nivel clasificativo interno en el cual debe considerarse a qué tipo pertenecen los discursos actualmente - y en su

generalidad- considerados como crónicas. ... Entre estas dos alternativas hay también una solución que han practicado la mayoría de los historiadores de las letras hispanoamericanas, Esta es la de considerar tales escritos como crónicas literarias y organizarlas por períodos. Lo que se pone en juego, en este caso, es la adecuación de las diferentes periodizaciones propuestas.

Mas afinal, que texto é expresso nas crônicas, relatos, descrições e observações? Mignolo (MIGNOLO, 1982) estabelece que “*Lo definiremos, como un acto verbal conservado en la memoria colectiva y de alta significación en la organización de una cultura.*”, considerando que “*Una cultura puede considerar significativos no sólo los textos escritos en la lengua de la cultura, sino también aquellos que, escritos en otra lengua significan, de una manera o de otra (determinable en cada caso), en la cultura en cuestión.*”. A partir disso, continua ele, o texto ganha dois usos: “*el primero es que el texto, definido como acto verbal, es inseparable de la lengua; el segundo, es que la expresión (alta significación en la organización de una cultura) nos permite distinguir, aunque de manera intuitiva, el texto del documento.*”

É assim que partimos do entendimento de que através das representações, nomeamos, definimos e interpretamos diferentes aspectos da realidade diária, como diz Jodelet (JODELET, 2001) e propõe Chartier (CHARTIER, 1990), onde as representações do mundo social, embora fundadas na razão, são, sempre, determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O que o viajante viu, ouviu, sentiu e viveu, ao ser descrito e relatado, passou a realidade vista, entendida e sentida. Uma representação. Seja qual for a forma-grau-nível desta representação, o texto que temos são representações, fidedignas ou não, daquilo que se viu, ouviu, sentiu e viveu.

Ao expressá-las, de forma manuscrita, podem não existir vocábulos que signifiquem-na ou que expressem-na, mesmo sendo fruto do relato ou descrição “*in loco*”, através de diários, croquis, desenhos, resumos ou observações, de próprio punho, ou pelas mãos de auxiliares e/ou assistentes, ou de redações posteriores, onde podem ser feitos acréscimos, inclusive com memórias e associações.

Nisso, fixa-se um de nossos propósitos, entre tantos outros, qual seja, o de permitir a recuperação dos possíveis

loais onde teriam habitado, sociedades específicas. Se pensarmos a/em Arqueologia, este pode ser o referencial para o início de um trabalho, em sua etapa de campo, ou seja, a etapa de prospecção arqueológica. Assim, quando encontrado o “sítio arqueológico” estaria, já, relacionado a um grupo social, a uma cultura, a uma forma de vida, a um cotidiano, que poderá ser confirmado, ou não, quando das escavações.

É dessa forma que, num primeiro momento, documentos como os produzidos por Gonzalo Fernández de Oviedo, Ulrich Schmidel, Felipe Guaman Poma de Ayala, Nikolaus Federmann, Francisco de Orellana, Frei Gaspar de Carvajal, Philip von Hutten, Francisco Vázquez, Lope de Aguirre e Pedrarias de Alместo, bem como os produzidos por Friede e Gaibrois sobre Gonzalo Jiménez de Quesada, e Dalby e Kirkpatrick sobre Gonzalo Pizarro, são objeto de análise.

A escolha de tais fontes justifica-se pelo próprio objeto, ou seja, as crônicas, relatos, descrições e observações acerca das sociedades nativas da América hispânica Sul-americana. Portanto, pensamos que a partir destas poderemos firmar ou acrescentar visões e entendimentos acerca das representações existentes e criadas sobre as sociedades nativas. Sua justificativa, e uso, baseiam-se no fato de que as imagens e momentos vistos, vividos, analisados, repetidos e divulgados pelo autor são únicos no sentido de que representam o contato e as relações, com aqueles meios⁵ e as sociedades neles existentes, que poderão contribuir na (re)construção de ambos, sociedades e meios.

Entendemos ser necessário, para que esta análise possa ser melhor realizada, dividir o elenco de fontes em três partes. Na primeira parte estariam **os documentos dos descobridores** (diários e correspondências). São documentos fundadores, que tinham por objetivo descobrir e conquistar e não escrever (MIGNOLO, 1982), dentre os quais está Cristovão Colombo (COLOMBO, 1998). Na segunda parte estariam **os documentos legislativos**, produzidos pelo Estado e destinados ao Novo Mundo, propostos pela administração das cortes espanhola⁶ e portuguesa⁷ e colocados em prática pelos governos locais. Estão incluídos neste item: ofícios, instruções, cartas e decretos, entre outras formas. Finalmente, na terceira parte estariam **os**

acordos ou contratos firmados com aqueles que adquiriram, direta ou indiretamente, direitos de “exploração” de territórios no Novo Mundo.

É neste terceiro grupo de fontes (**acordos ou contratos**) que encontraremos as crônicas, os relatos e as descrições, que por sua vez, também podem ser classificados: seja pela origem, seja pelo propósito e/ou interesses (LUFT; AMANTINO, & MACEDO, 1997). Quanto à origem entendemos que podem ser divididos como provindos:

- (1) **da igreja**, onde estão incluídos, entre outros documentos: relatórios, crônicas, registros e correspondências;
- (2) **de pesquisadores (cientistas) e artistas**, onde estão incluídos, entre outros documentos: relatos, crônicas, correspondências, mapas, desenhos, descrições, croquis e documentos cartográficos e topográficos;
- (3) **de mercadores-comerciantes**, onde estão incluídos, entre outros documentos: relatórios e correspondências;
- (4) **de militares**, onde estão incluídos, entre outros documentos: relatórios, descrições, mapas e correspondências;
- (5) **de viajantes e exploradores**, onde estão incluídos, entre outros documentos: relatos e correspondências;

Por sua vez, quanto ao propósito entendemos que estes documentos podem ser divididos em:

- (1) **de exploração**, voltados para a geografia, de caráter “científico”, econômico e/ou militar, teriam, por princípio, reconhecer a hidrografia e o relevo; encontrando e/ou estabelecendo caminhos, entrepostos comerciais e pontos de defesa;
- (2) **de reconhecimento**, voltado para a natureza, de caráter “científico” e/ou econômico; teriam por princípio reconhecer, identificar e descobrir recursos minerais, vegetais e animais que pudessem ser explorados, gerando conhecimento à ciência ou lucros a investidores mercadores e comerciantes;
- (3) **de catequização**, voltada para as populações nativas, de caráter religioso, realizados principalmente pela igreja cristã, ou por alguma de suas ordens, e que deveria prover: a igreja de novos

⁵ Meio geográfico, espaço físico ...

⁶ Leyes y ordenanzas nuevamente hechas por S. M. para la gobernación de las indias, y buen tratamiento y conservación de los indios ...

⁷ Regimento Tomé de Souza, Governador do Brasil ...

convertidos; a coroa de novos vassallos; e o sistema mercantil e comercial de mão-de-obra para a exploração natural e/ou para o consumo;

Se entendemos ainda, que possam ser divididos de acordo com seus interesses, poderíamos ter:

- (1) **por interesse pessoal;**
- (2) **por interesse no local visitado**, voltado para (a) a paisagem; (b) a atividade econômica; (c) a organização social e (d) a cultura;
- (3) **por interesse do financiador**, voltado para (a) os recursos naturais; (b) o potencial humano e (c) a coleta de amostras e espécies destinadas a exposições;
- (4) por interesse do público leitor, voltado para a novidade e a excentricidade do território, de seu “povo” e de suas “coisas”.

A LEGISLAÇÃO E O NATIVO

Como o novo território pertencia à coroa, não podendo se tornar propriedade dos conquistadores, os acordos ou contratos firmados, para exploração, reconhecimento e catequização, somente autorizavam vir ao Novo Mundo aquele que, sujeito às regras impostas, se submetesse à fiscalização de uma corte absolutista, que vivia dos resquícios medievais de vassalagem e da troca de favores monopolistas, comandados por uma burocracia autoritária, acostumada a favorecer aliados e destruir opositores (RAMINELLI, 2013).

Diante desse panorama, e (re)lembrando que nosso objeto de trabalho é recuperar, da melhor forma possível, através das crônicas, relatos, descrições e observações, as sociedades nativas, ao tratarmos da América hispânica, um dos **documentos legislativos** que a rege, nos primeiros momentos, são as “*Leyes y ordenanzas nuevamente hechas por S. M. para la gobernación de las indias, y buen tratamiento y conservación de los indios*”.

É nelas que encontramos o entendimento espanhol para o tratamento da terra e de sua gente. Estas “*Leyes*” foram estabelecidas por “*Don Carlos, por la divina clemencia, Emperador semper augusto ... em la ciudad de Barcelona, a veinte días del mes de Noviembre, año del nacimiento de nuestro Salvador Jesu cristo de mill e quinientos e cuarenta y dos años*”, quando

... habiendo sido informados de la necesidad que había de proveer y ordenar algunas cosas que convenían a la buena gobernación de las nuestras Indias, y buen tratamiento de los naturales dellas, y administración de nuestra justicia, con mucha deliberación y acuerdo mandamos hacer sobre ello ciertas ordenanzas: y porque después pareció ser necesario y conveniente declarar y añadir algunas cosas en algunas de las dichas ordenanzas, y acrecentar otras de nuevo, mandamos hacer ciertas declaraciones y otras ordenanzas de nuevo em beneficio de los dichos indios, ...

fazendo-as chegar a “*la gran ciudad de Temistitán México de la Nueva España*”, a capital do Novo Mundo.

Constando de 16 itens, eram destinadas às “*abdiencias de la Nueva España, y el Perú, y Guatimala, y Nicaragua, y la Isla Española*” visando o “bom governo”, por parte de seu Presidente; de seu Conselho, das Índias; bem como de seus Secretários, Fiscais, Relatores, Ouvidores e Governadores.

Entremeado às orientações de como tratar a nova terra e sua gente, estão as preocupações para com sua administração, estabelecidas e ordenadas, nos itens 1 e 2, em repartições (vice-reinos e audiências⁸) e representantes legais (vice-rei, presidente e ouvidor). Confirmados no item 6 onde ordena-se

... que en las provincias o reinos del Perú resida un visorey y una abdiencia real de quatro oidores letrados, y el dicho visorey presida em la dicha abdiencia, la qual residirá em la ciudad de los Reyes, por ser em la parte más conveniente, ... que se ponga una abdiencia real em los confines de Guatimala y Nicaragua, en que haya quatro oidores letrados, y el uno de ellos sea presidente, ...

No que refere-se aos nativos, as recomendações estão em seis de seus itens. A primeira, e mais importante delas, consta do item 4, onde são estabelecidas as responsabilidades por sua instrução, na fé católica, e por sua guarda, como pessoas livres e vassaladas, sob os cuidados do Conselho das Índias

⁸Os vice-reis, além de cuidar dos assuntos administrativos, militares e religiosos, também presidiam as audiências, onde eram autoridade judicial. A audiência era a instância administrativa mais elevada do poder metropolitano na colônia.

Y porque nuestro principal intento y voluntad siempre ha sido y es de la conservación y abmento de los indios, y que sean instruídos y enseñados em las cosas de nuestra santa fe católica, y bien tratados, como personas libres y vassalos nuestros, como lo son; encargamos y mandamos a los del dicho nuestro Consejo tengan siempre muy gran atención y especial cuidado, sobre todo de la conservación y buen gobierno y tratamiento de los dichos indios, ...

Esta responsabilidade é (re)confirmada no ítem 13

... que los dichos nuestros presidentes y oidores tengan mucho cuidado que los indios que em cualquiera de las maneras sus o dichas se quitaren, y los que vacaren, sean muy bien tratados, instruídos em las cosas de nuestra santa fe católica, y como vassalos nuestros libres; que este ha de ser suprencipal cuidado, y de lo que principalmente les habemos de tomar cuenta, y en que más nos han de servir; y provean que sean gobernados em justicia por lavía y orden que son gobernados al presente em la Nueva España os indios que están em nuestra corona real.

e no ítem 16 “... y para que los índios sean bien tratados y conservados e instruídos em las cosas de nuestra santa fe, y que siempre tengan especial cuidado de saber como esto se guarda, y de lo hacer e jecutar.”.

Sobre o comportamento para com os nativos, suas relações de vassalagem e a escravidão, o ítem 11 aponta que “... no se pueda hacer esclavo índio alguno, y queremos que sean tratados como vassalos nuestros de la corona [real] de Castilla, pueslo son. Ninguna persona se pueda servir de los indios por vía de naboria, nitapia, ni outro modo alguno, contra su voluntad.”.

(Re)afirmando a necessidade de um tratamento adequado aos nativos, no ítem 10 pede o acompanhamento dos, possíveis e prováveis, desvios cometidos, acenando aos infratores com osrigores da justiça

... una de las cosas más principales em que las abdiencias han de servirnos es em tener muy especial cuidado del buen tratamiento de los indios y conservación dellos, mandarnos que se informen siempre de los excesos y malos tratamientos que les son

o fueren hechos por los gobernadores o personas particulares, y como han guardado las ordenanzas e instrucciones que les han sido dadas y para el buen tratamiento dellos están hechas; y em lo que se ovriere excedido o excediere de aquí delante, tengan cuidado de lo remediar, castigando a los culpados por todo rigor conforme a justicia; ...

Reconhecendo a existência, e a necessidade, das “encomiendas”⁹, no ítem 12 pede para que as autoridades acompanhem e evitem exageros de qualquer ordem, como no caso onde, devido a quantidade de nativos encomendados e em seu poder, pediu investigação ...

... em la Nueva España se provea especialmente em los indios que tienen Joan Infante, y Diego de Ordaz, y el maestre de Roa, y Francisco Vázquez de Coronado, y Francisco Maldonado, y Bernaldino Vázquez de Tapia, y Joan Xaramillo, y Martín Vázquez, y Gil González de Benavides, [y Gil González de Ávila] y otras muchas personas, que el número de los indios que tienen diz que es em cantidad muy excesiva, segund la información que se nos ha dado; ...

ordenando, a partir disso,

... que de aquí adelante ningún visorey, gobernador, abdiencia, descubridor ni otra persona alguna, no pueda encomendar indios por nuevaprovisión, ni por renunciación ni donación, venta ni otra cualquiera forma, modo, ni por vacación ni herencia, sino que muriendo la persona que toviere los dichos indios, sean puestos em nuestra corona real; ...

De outra forma, as “Leyes y ordenanzas” tratam, também, no ítem 16, dos tributos decorrentes dos nativos,

⁹“La encomienda era una concesión otorgada por la corona, supeditada a confirmación real, a través de algunos de sus funcionarios: virreyes, presidentes de audiencias, gobernadores, que implicaban a un grupo de nativos encabezados por algún jefe étnico-tradicional o designado por los europeos quienes debían pagar un tributo al beneficiario de tal merced.” - in: SALINAS, María Laura. Encomienda, trabajo y servidumbre indígena em corrientes. Siglos XVII-XVIII, 2008, tesis para la obtención del Título de Maestría en Historia Latinoamericana, Universidad Internacional de Andalucía, ISBN 978-84-7993-140-7.

uma vez que são considerados vassallos¹⁰ “... que em lo descubierto hagan luego la tasación de los tributos y servicios que los índios deben dar, como vassallos nuestros; ...”, embora recomendando que os nativos de algumas ilhas do Atlântico sejam, por ora, tributados “... Es nuestra voluntad, y mandamos que los indios que al presente son vivos em las islãs de San Juan y Cuba y la Española, por agora y el tiempo que fuere nuestra voluntad no sean molestados con tributos ni otros servicios reales ni personales ni mixtos, ...”

Em dois itens do aditivo às Leyes y ordenanzas¹¹, devido aos desvios conhecidos e relatados, faz-se novamente menção ao fato de

... que ningun español que tuviere indios encomendados, sea osado a llevar tributo alguno dellos, sin que primero sea moderado y tasado por nuestros visoreyes y abdiencias y otras personas que para ello por Nos o por los dichos nuestros visoreyes y abdiencias fueren diputados, lo que hubiere de llevar; ...

ressalvando que

... por onde ordenamos y mandamos que los dichos indios y naturales de las dichas nuestras Indias, sean muy bien tratados, como vassallos nuestros y personas libres como lo son, así por las nuestras justicias, factores y oficiales que en nuestro nombre cobrarem los tributos dellos, y otras cualesquier personas que los tovieren encomendados, como por todos los otros nuestros súbditos y naturales y pobladores que a las dichas nuestras Indias han ido y fueren, que no les hagan mal ni daño en sus personas y bienes, ni les tomen contra su voluntad cosa alguna.

É diante dessa legislação, e a partir dela, que ao iniciar as análises das crônicas, relatos, descrições e observações, produtos de viagens daqueles que passaram, ou percorreram, o território hispânico, especialmente o Sul-americano, entre os séculos XVI e XVII, fomos levados a considerar e ponderar, sempre, que para trabalharmos com eles, devemos identificar e conhecer, quando existente, disponível e acessível: (1) os manuscritos originais; (2) a primeira versão

impresa e/ou (3) a versão impressa mais antiga; (4) a versão de cada um dos tradutores; e (5) a versão de cada um dos editores.

Sabedores de que muitas versões e edições podem ter sido feitas, devemos identificá-las e, se possível, considerar o prefácio, o prólogo e as apresentações, identificando os acréscimos, ou supressões, propostas por cada um deles e as devidas justificativas para tal, quando relatadas. São as considerações que fizemos acerca das “informações” nelas contidas, que entendemos ser necessário observar, uma vez que são as possíveis “correções” e “adequações”, que muitas vezes têm por propósito estar em conformidade com o que dizem outros pesquisadores, ou correntes de pensamento de sua época, que podem alterar, ou confirmar, o conteúdo e o propósito “original” do autor, o viajante.

UM ESPAÇO PARA REFLEXÃO: A BACIA DO RIO DA PRATA

Diante destas considerações e olhando para o espaço sulamericano, entendemos que sua ocupação e interiorização foi feita a partir de caminhos aquáticos e/ou terrestres, utilizados cotidianamente pelos nativos em seus deslocamentos. Neste sentido, grandes bacias hidrográficas podem ser destacadas: bacia do Rio da Prata, bacia Amazônica; bacia do rio Tocantins, bacia do rio São Francisco, bacia do Rio Doce, bacia do rio Paraíba do Sul, bacia do rio Uruguai, bacia do rio Paraná e bacia do rio Paraguai.



Figura 2 - principais bacias hidrográficas brasileiras

¹⁰neste ponto faz sentido o tratamento de vassalo, pois como tal devem tributos ao reino ...

¹¹ “Dado enlavilla de Valladolid a cuatrodíasdelmes de Junio de mill y quinientos y cuarenta y tresañs”

Como ponto de partida, optamos tratar da Bacia do Rio da Prata e de suas rotas, que levavam ao mais longínquo interior, e dele permitiam a retirada, e o escoamento, para a vertente do Atlântico, via delta do Rio da Prata, dos mais diversos recursos. Neste caminho, caminhos foram explorados; rotas foram estabelecidas; contatos foram realizados; assentamentos foram construídos; ocupações foram registradas. Fazem parte da grande Bacia do Rio da Prata, três bacias secundárias:

- **bacia do rio Uruguai**, tendo entre seus principais tributários, a partir de um de seus formadores, o rio Pelotas, temos em sua margem direita, os rios Canoas, Peixe, Jacutinga, Irani, Chapecó e das Asas; e em sua margem esquerda os rios Ijuí, Piratini, Ibicuí, Quaraí e Negro;
- **bacia do rio Paraná**, tendo entre seus principais tributários, a partir de seus formadores, o rio Paranapanema e o rio Grande, temos em sua margem direita os rios Aporé, Sucuriu, Verde, Pardo, Invinhema, Amambaí e Salado, e em sua margem esquerda os rios Tietê, Ivaí, Piquiri e Iguacú;
- **bacia do rio Paraguai**, a partir de sua formação, na região pantaneira, através de seus principais tributários, em sua margem direita, desde a borda Leste da Cordilheira dos Andes, os rios Bermejo, Policomayo e Pilaya, e em sua margem esquerda os rios Ciuba, São Lourenço, Taquari e Aquidauana.



Figura 3 - grande bacia do Rio da Prata

AS FONTES

Motivados pela idealização e fantasia de encontrar grandes riquezas, cidades fantásticas, sociedades excêntricas e muitas aventuras, homens das mais diversas origens e ideais passaram a ter como destino o Novo Mundo, a América. É destes homens e dos documentos produzidos por eles e em decorrência deles, em forma de crônicas, relatos, descrições e observações, que buscamos tratar e recuperar o maior número possível de informações acerca dos nativos.

Como são inúmeras estas fontes, podendo algumas estarem, ainda, desconhecidas, escolhemos elencar aqui cinco delas, apresentando alguns dados que deverão ser aprofundados, a partir das leituras que prosseguirão. É importante lembrar que as destacamos aqui devido o perfil de cada um dos produtores: um religioso, um burocrata, um militar, um literata e um viajante.

A primeira delas, apesar de não ter visitado o espaço geográfico ao qual nos dedicamos, merece destaque por ser o responsável por um dos primeiros relatos sobre a “colonização” na América. Trata-se de **Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés** (1.478-1.557).

De família asturiana e educado na corte, teve sua primeira obra, “*Libro del muy esforzado e invencible caballero Don Claribalte*”, um romance de cavalaria publicado em 1.519. Além dela, entre outras, em 1.880 teve publicado, pela Real Academia de Historia, de Madrid, o primeiro tomo de suas “*Quinquagenas de la nobleza de España*”; da mesma forma, em 2.006, pela Coleção Parnaseo, da Universidade Valencia, editado por Santiago Fabregat Barrios, seu “*Libro de la Cámara Real del Príncipe do Juan*”.

De suas obras sobre a América temos, de 1.526, o “*Sumario de La Historia Natual de las Indias*”, editado em 2.011, em Barcelona, pela Red-ediciones. De 1.535, temos a primeira edição da “*Historia General de las Indias*”, publicado em Sevilla, por Juan Cromberger, reeditada em 1.547, em segunda edição, corrigida e ampliada. Em 1.851 foi publicada uma nova edição, desta vez preparada por Amador de los Ríos.

Outro nome a ser considerado é o de **Ulrich Schmidl** (1.510-1.579). Homem de boa educação, participou, em 1.534, como militar, de uma expedição, de Pedro de Mendonza, ao Rio da Prata, quando fundou-se Buenos Aires, e de Juan de Ayolas, ao Rio Paraguai, participando da fundação de Assunção. Em 1.546, sob o comando de

Domingo Irala, participou de expedição ao Peru, à Bolívia e ao Gran Chaco.

Quando de volta à Europa, em Sevilha, apresentou-se ao Conselho das Letras das Índias, a quem entregou uma narrativa de suas “aventuras”: “*A verdadeira história de uma viagem notável feita por Ulrich Schmidel von Straubingen na América ou Novo Mundo 1.534-1.554, onde será encontrado todos os seus problemas de 19 anos e a descrição das terras e dos povos notáveis que ele viu, descrito por si mesmo*”, publicada em Frankfurt, em 1.557. Nela nomina grupos nativos, apresentando, deles, hábitos e modo de vida. Desta sua obra resgata-se “cenas” de canibalismo, praticada por europeus, principalmente espanhóis, diante das dificuldades de sobrevivência e da aspereza do clima.

Sua obra, originalmente em alemão, teria sido sobreposta ao relato de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, bem como de Andrés Gonzáles de Barcia¹², publicado em 1749, e de Henri Ternaux-Compans¹³, publicado em 1836.

De sua autoria temos a disposição “*Relatos de La Conquista Del Rio de La Plata y Paraguay: 1534-1554, historia de una maravillosa navegación*” e “*Viaje de Ulrico Schmidel al Rio de La Plata*”.

Outra personagem a ser levada em consideração, nesta etapa de trabalho, é **Pero Lopes de Sousa** (1497-1539), navegador português responsável pelo Diário de Navegação¹⁴ da expedição colonizadora de seu irmão, Martim Afonso de Sousa, que veio ao Brasil em 1530. De família nobre, nascido em Lisboa (Portugal) e irmão de Martim Afonso de Sousa, veio ao Brasil a bordo da nau capitânia, em dezembro de 1530, viajando pela costa brasileira, em direção ao rio da Prata. Descoberto por Francisco Adolfo de Varnhagen, o referido diário foi editado e publicado em 1839.

Dos muitos religiosos que relataram sobre a América sulamericana, temos o nome o sacerdote jesuíta **Antonio Ruiz de Montoya** (1585-1652), que atuou como missionário em territórios do Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, tendo produzido, dentre outras obras, o dicionário “*Tesoro de lengua guarany*”, a crônica “*Conquista*

¹² “Historiadores primitivos das Índias”.

¹³ “Voyages, relations et mémoires originaux de servir à l’histoire de la découverte de l’Amérique” (10 volumes).

¹⁴ Diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martin Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen, Lisboa: Tipographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.

espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape” e o tratado “*silex del divino amor y rato del ánimo en el conocimiento de la causa primera*”. Nascido em Lima (Peru), ingressou, aos 24 anos, na Companhia de Jesus, depois de estudar Teologia e Filosofia. Designado para o evangelismo nativo, conviveu e repartiu, com os Guarani, costumes e língua, fundando, entre eles, 13 missões. Entre suas aventuras está o fato de, em 1.628, fugindo de Bandeirantes, conduzir aproximadamente 12.000 nativos, desde a Província do Guayrá (Paraná – Brasil) até a Província de Misiones (Argentina). Foi um dos fundadores, em 1.625, da redução jesuítica de San Joseph, localizada na Província do Guayrá, onde atualmente está o sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia (Cambé – PR – Brasil). Baseado em suas obras, e vida, em 1986, com direção de Roland Joffé e roteiro de Robert Boltido, estreou o filme britânico “A Missão”.

Finalmente, apresentamos **Ruy Díaz de Guzmán** (1559–1629), Conquistador e burocrata, foi o primeiro escritor (cronista) nascido na região do rio da prata, entre 1558 e 1560, filho de uma filha mestiça, de origem Guarani, do então governador Domingos Martinez de Irala. Teria sido o primeiro a usar o termo Argentina. Dentre suas obras destaca-se “*Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*”, mais tarde conhecida como “*La Argentina*”, de 1612. Posteriormente, foi denominada “*La Argentina, o Historia del Descubrimiento, Conquista y Población del Río de la Plata*” e atualmente é conhecida como “*La Argentina manuscrita*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, desta breve proposta de trabalho, e considerando, como Becker¹⁵, que “... *toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema que, em aspectos importantes não é parecido com nenhum outro problema, e deve fazê-lo dentro de um ambiente específico diferente de todos os que existiram antes.*”, prefiro, como ele, “... *um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito.*”.

Por isso, se é verdade que encontraremos informações que nos encaminham para solucionar alguns dos problemas colocados em nossas propostas de trabalho; é verdade também que elas poderão ser questionadas, seja pela forma

¹⁵ BECKER, Haward S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais, Coleção Ciências Sociais, volume 31, São Paulo: Hucitec, 1993, pp. 12-13.

e/ou conteúdo, por aqueles que não as consideram válidas; ou mesmo ainda utilizadas por aqueles que as vêem como oportunidade de, através de um indício novo, chegar a novas percepções e conclusões.

É dessa forma, e com isso, que estamos contanto. Que encontraremos indícios que possam nos levar a considerações novas acerca daqueles que ocupavam espaços sulamericanos dos mais diversos e com as mais diversas complexidades, relatados por “europeus” das mais diversas origens, perspectivas e interesses, durante os séculos XVI e XVII.

Serão estes dados, provindos destas fontes, somados às referências históricas e antropológicas, que admitidos pela Arqueologia conduzirão a pesquisa a grupos sociais específicos, determinados e identificados; e pela Antropologia, levarão a uma história antiga de sociedades nativas atuais ou perdidas no tempo (histórico).

É assim, portanto, que buscamos informações, mesmo que “raras” e “pequenas”, que possam contribuir para uma História Nativa voltada para grupos nativos específicos, ocupando espaços historicamente construídos e que visem não apenas “restos materiais” encontrados de forma aleatória ou sistemática pela Arqueologia; ou pela Antropologia, por meio de trabalhos de campo com sociedades nativas, em estágios diversos, propondo associações e comparações que podem conduzir alguns ao que tem sido identificado por história nativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÑON, V. & RODRIGUEZ, J. 1973. ¿Crónicas, historias, relatos de viaje? Acerca de los nuevos estudios coloniales latino-americanos, apresentado VII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria, publicado na Revista Orbis Tertius, disponível em <http://www.orbistertius.unlp.edu.ar/congresos/viicitl/ot/Members/spastormerlo/actas-del-vii-congreso-internacional-orbis-tertius-1/ponencias/AnonRodriguez.pdf>.
- AVALLE-ARCE, J. B. 1972. El novelista Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdes, alias de sobrepeña. in: *Anales de Literatura Hispanoamericana*, Volume 1, Universidad Complutense de Madrid , pp. 143-154.
- BECKER, Howard S. 1993. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, Coleção Ciências Sociais, volume 31, São Paulo: Hucitec, 178 pp.
- CHARTIER, R. 1990. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- COLOMBO, C. 1998. *Diários da descoberta da América, as quatro viagens e o testamento*, Porto Alegre: P&PM pocket,
- FIORETO, T. & MASCARENHAS DA SILVA, C. 2013. Um estudo da versão latina do relato de viagem de Ulrich Schmidel à luz da filosofia textual, in: *Revista Philologus*, ano 19, número 55, Rio de Janeiro: CIFEFiL, jan/abr – Suplemento, 19(5): 706-716.
- GIANNINI, H. 1987. *La reflexión cotidiana: hacia una arqueología de la experiencia*. 4ª ed., Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 78 pp.
- JODELET, D. 2001. Representações Sociais, um domínio em expansão, Rio de Janeiro: UFRJ, pp. 17-44 apud WOLFGANG, W. Sócio-Gênese e Características das Representações Sociais. In: Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Antônia Silva Paredes e Denize Cristina de Oliveira (organizadoras). Goiânia: AB, 2000.
- KALIL, L. G. A. 2008. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel*, dissertação de mestrado, orientação de Leandro Karnal, Campinas: UNICAMP.
- LÓPEZ DE GÓMARA, F. 1553. *Hispania Victrix: Primera y segunda parte de la historia general de las indias con todo el descubrimiento, y cosas notables que han acaecido donde que se ganaron hasta el año de 1551: con la conquista de México y de la Nueva España*. Impreso en Medina del campo España: Guillermo de Millis, 20 de agosto. Biblioteca Nacional de Chile, Sala Medina.
- LUFT, V. J.; AMANTINO, M. S. & MACEDO, J. 1997. Programa Arqueológico Puri-Coroado: Elementos para uma tipologia de sua fontes históricas. In: *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, 12:91-95.
- MIGNOLO, W. 1982. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista, in: *Historia de la literatura hispano-americana*, tomo I, Madrid: ediciones Cátedra, pp. 57-98.
- OLIVEIRA DAS NEVES, A. 2007. O tempo religioso na crônica de Frei Gaspar de Carvajal. Ponencia presentada en las III Jornadas Diálogos entre

- Literatura, Estética y Teología: Lenguajes de Dios para el siglo XXI, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina. Buenos Aires. <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/o-tempo-religioso-na-cronica-de-frei-gaspar-de-carvajal.pdf>.
- PEREZ-VALLE, E. 1976. Nicaragua em los cronistas de Índias: Oviedo. Série Cronistas, número 3, Colección Cultural, Banco de América.
- PERRY, V. R. 2008. La crónica: la narración del espacio y el tiempo, *Andamios*, v. 5, n. 9, diciembre, pp. 25-46.
- PURPURA, C. 2006. *A cartografia na época dos descobrimentos*. In: Formas de existência em áreas de fronteira. A política portuguesa do espaço e dos espaços de poder no Oeste amazônico (século XVII e XVIII), monografia do Curso de Pós-Graduação em História Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, pp. 32-37.
- RAMINELLI, R. 2013. *A era das conquistas: América espanhola, séculos XVI e XVII*, Rio de Janeiro: FGV.
- RICOEUR, P. 1982. La función narrativa y la experiencia humana del tiempo. Traducción de Victoria Undurraga, en revista *Escritos de Teoría*, V. Santiago de Chile, octubre de, pp. 70-91.
- SALINAS, M. L. 2008. *Encomienda, trabajo y servidumbre indígena em corrientes. Siglos XVII-XVIII*, tesis para la obtención del Título de Maestría en Historia Latinoamericana, Universidad Internacional de Andalucía, ISBN 978-84-7993-140-7.
- SILVA, K. V. & SILVA, M. H. 2009. *Dicionário de conceitos históricos*, 2ª ed., São Paulo: Contexto.
- TATSCH, F. G. 2011. Imagem como fixação da experiência: uma análise da obra de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. in: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho. pp. 1-9.
- TUCKER, G. R. 2011. The Discovery of Germany in America: Hans Staden, Ulrich Schmidel, and the Construction of a German Identity, in: *Traversea: Jornal da Transatlantic History*, 1: 26-45. http://www.uta.edu/history/traversea/ojs/index.php/traversea/article/view/23/pdf_1.